



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12228 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

EXPERIÊNCIAS PARTICIPATIVAS DE JOVENS

Felipe Tarábola - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Elmir de Almeida - USP- Universidade de São Paulo

Sara Martin Xavier - USP- Universidade de São Paulo

Agência e/ou Instituição Financiadora: UNIÃO IBERO-AMERICANA DE UNIVERSIDADES (UIU0)

EXPERIÊNCIAS PARTICIPATIVAS DE JOVENS

Esta pesquisa se desdobrou de um projeto mais amplo, que realizou, em 2018, grupos de discussão com 58 jovens estudantes secundaristas de cinco escolas públicas estaduais paulistas - em Santo André, Sorocaba, Ribeirão Preto e São Paulo - para investigar as suas práticas de participação. A pesquisa diverge do senso comum, baseado na diminuição das taxas de filiação partidária e no aumento do absenteísmo eleitoral, de que a juventude atual seria apática politicamente. A adoção de um conceito de participação que ultrapasse as suas formas convencionais, institucionais e formais é imperativa. Os jovens estão se afastando das instituições políticas representativas e priorizando agrupamentos informais e menos estruturados, com objetivos episódicos e realizáveis em curto prazo, envolvendo formas diretas, cotidianas e horizontais de participação (ION, 2012).

A investigação da qual resulta este trabalho retomou o contato com 15 dos 24 ex-estudantes das duas escolas da capital paulista participantes da etapa inicial da pesquisa, nos anos de 2017/18, com objetivo de resgatar as suas vivências de participação cívica e política como jovens estudantes secundaristas e identificar as continuidades e rupturas dos sentidos atribuídos por eles às suas experiências na passagem da adolescência para a vida adulta.

Para tanto, devido à pandemia de Covid-19 em 2020, foram realizadas remotamente entrevistas semiestruturadas com 15 jovens, homens e mulheres, de 19 anos, que finalizaram o Ensino Médio em 2018 em duas escolas públicas estaduais de São Paulo. As entrevistas

buscaram averiguar as percepções dos jovens sobre suas trajetórias participativas como estudantes secundaristas e as continuidades e rupturas dessas experiências dois anos após a conclusão da educação básica, levando em conta os diferentes percursos individuais, as ações em coletivos, assim como transformações contemporâneas que afetam o curso de vida e os contatos com novas instituições e círculos sociais.

Com a pesquisa, verificou-se que para a maior parte dos entrevistados, a escola foi o lócus das primeiras experiências participativas. Os mecanismos institucionais de participação escolares - grêmios estudantis, conselho de escola e conselho de classe – possibilitaram as primeiras práticas de reivindicação e de protagonismo. O contingenciamento de recursos financeiros da escola e os problemas dele decorrentes, como a impossibilidade de realizar os eventos tradicionais da unidade de ensino e a falta de professores, motivaram a participação dos estudantes por meio do grêmio e de manifestações mobilizadas pela escola.

Além disso, o grêmio foi definido pelos jovens como uma organização estudantil que deve ajudar e representar os estudantes, promover a sociabilidade por meio de eventos, dar voz aos estudantes e conscientizá-los contra o preconceito por meio de atividades sobre diversidade e questões identitárias: uma forma de desconstruir a rotina escolar e de se apropriar dos ambientes escolares. As atividades realizadas pelo grêmio expressam uma especificidade das práticas participativas durante a adolescência: possuem caráter artístico, esportivo, lúdico, cultural e identitário, em detrimento do imediatamente político. Verificou-se ainda que a participação adolescente foi mais impulsionada pelos afetos do que por causas e ideologias. As ações coletivas juvenis são, em geral, ações de afirmação identitária: reivindicam reconhecimento, sem pressupor necessariamente o estabelecimento de conflitos sociais (RUIZ, 2017). Os temas políticos são valorizados pelos adolescentes, mas ficam em segundo plano diante dos desafios identitários, emocionais e existenciais, que marcam a adolescência (MARTUCCELLI, 2016).

Ao longo do Ensino Médio, as experiências de participação eram referentes às questões internas da escola e aconteciam dentro desse espaço social reduzido e relativamente protegido, marcado, em geral, por relações de confiança. Assim, o declínio da experiência participativa após o Ensino Médio foi associado, em várias entrevistas, à perda dos referenciais e do espaço privilegiado de participação (a escola) e à insegurança diante das relações menos íntimas que os jovens desenvolveram após a saída da escola. Os jovens se mostraram inseguros para expressar suas opiniões publicamente após a conclusão do Ensino Médio, expostos à sociedade mais ampla, fora da proteção e da familiaridade escolares.

O fim do Ensino Médio ocasionou ressignificação da noção de participação, a qual durante a adolescência esteve relacionada às reivindicações estudantis, às questões internas da escola e ao cotidiano escolar (participação em sala, nos conselhos e no grêmio). Com a conclusão do Ensino Médio, tal noção se expande e passa a abranger questões extraescolares e a sociedade mais ampla.

A maioria dos entrevistados afirmou que a sua participação se fundamentava na auto-informação, principalmente em relação às questões identitárias, e na conscientização de amigos e familiares contra o preconceito. Relataram buscar informações sobre questões políticas, a valorização das opiniões próprias e do senso crítico, mas muitos rejeitaram a militância e a expressão pública das suas opiniões.

O principal ponto em comum dos relatos coletados em relação ao período posterior à conclusão do Ensino Médio foi a rejeição dos mecanismos institucionais, formais e burocráticos de participação, como partidos políticos e sindicatos, percebidos pelos jovens como organizações fechadas, extremistas e que ameaçam a autonomia. Martuccelli (2007) mostra que as formas tradicionais de participação correspondiam à homogeneidade da modernidade industrial, enquanto as novas formas resguardam a autonomia individual, respondendo aos desafios identitários das sociedades marcadas pela heterogeneidade, com indivíduos pertencentes a múltiplos grupos sociais e assumindo diferentes papéis simultaneamente, indicando a fragmentação da experiência social. Nas sociedades plurais, os indivíduos não estão mais fixados em identidades estáveis, dadas e herdadas, agora eles precisam dar sentido às suas próprias experiências por meio da reflexividade.

A ênfase dos entrevistados nas questões identitárias evidencia que a identificação (MELUCCI, 2004) é um trabalho incessante de autoconstrução: eles não se encaixam mais na figura tradicional do militante e aderem a formas mais flexíveis de ativismo. Enquanto a militância envolve grandes utopias, hierarquia, adesão a um quadro ideológico totalizante e dedicação contínua, o ativismo se baseia em ações concretas e pontuais e pressupõe a horizontalidade, sem necessidade de submissão a um projeto político abrangente, preservando a autonomia e a autenticidade.

Assim, para entender os sentidos atribuídos pelos jovens às novas configurações participativas, é preciso levar em consideração que as filiações às organizações políticas tradicionais correspondem a uma visão holística e clássica de unidade do mundo social que é incompatível com a experiência contemporânea, marcada pela multiplicação das lógicas de ação e pela pluralidade, já que elas exigem adesão completa a papéis e valores que não podem estar totalmente coerentes com os demais elementos diversos da experiência social (DUBET, 2010).

Palavras-chave: participação; jovens adultos; jovens adolescentes; ensino médio.

Referências

DUBET, F. *Sociología de la experiencia*. Ed. Complutense: Madrid, 2010.

ION, J. *S'engager dans une société d'individus*. Armand Colin: Paris, 2012.

MARTUCCELLI, D. *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago de

Chile: Ed. LOM, 2007.

MARTUCCELLI, D. Condición adolescente y ciudadanía escolar. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 155-174, 2016.

MELUCCI, A. *O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

RUIZ, O. A. El movimiento estudiantil en Chile, 2006-2014: una aproximación desde la cultura y las identidades. *Nueva antropología*, México, v. 30, n. 87, p. 131-152, 2017.